



Alguns Contos Africanos



Butoa Balingene



Alguns Contos Africanos

BUTOA BALINGENE

Alguns Contos Africanos

2016

© 2016 by Butoa Balingene

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, por qualquer meio ou forma, sem a autorização escrita e prévia dos detentores do copyright.

Impresso no Brasil.

Organizador: Gilmar Tavares

Tradução voluntária (francês/português): João Tavares Filho

Revisão voluntária de texto: Prof(a). Maria de Carvalho Tavares (D. Meirinha)

Ilustrações: Maombi Balume Filho (Mao Filho)

Elaboração voluntária da capa do livro: George Artmando da Silva Gomes

Arte final da capa: Heider Alvarenga de Jesus

Editoração Eletrônica: Heider Alvarenga de Jesus, Patrícia Carvalho de Moraes e Renata de Lima Rezende

**Ficha catalográfica elaborada pela Coordenadoria de
Processos Técnicos da Biblioteca Universitária da UFLA**

Balingene, Butoa.

Alguns contos africanos / Butoa Balingene. – Lavras : Ed. do autor, 2016.
92 p. : il.

Projeto de Extensão Universitária “Vozes da África” do Departamento de
Engenharia da UFLA.
Bibliografia.

1. África. 2. Leão. 3. Congo. 4. Folclore. 5. Goma. I. Universidade Federal de
Lavras. II. Título.

CDD – 896.3

Projeto Vozes da África

O projeto de Extensão Universitária “Vozes da África” foi idealizado em 2007 pelo Prof. Titular Gilmar Tavares do Departamento de Engenharia da Universidade Federal de Lavras - DEG/UFLA. Extensionista por convicção, atuante nas áreas de Agroecologia, Agricultura Familiar e Extensão Universitária Inovadora, tomou como inspiração criadora, a poesia Vozes d’África de Castro Alves(11 de junho de 1868)na qual a primeira estrofe diz:

Deus! ó Deus! Onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu’estrela tu t’escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?...

Com apoio do Prof. Rubens José Guimarães, na época Pró-reitor de Extensão e Cultura da UFLA, foi feito o primeiro contato com o casal de alemães Stephan e Martina Zwich, que teria vivido por muito tempo na República Democrática do Congo e que residiu por algum tempo próximo a Lavras. Através do casal citado, em 2007, foi feito o primeiro contato com a Universidade Livre dos Países dos Grandes Lagos - ULPGL, na cidade de Goma, província de North Kivu. Em setembro de 2007, o Magnífico Reitor da ULPGL, Prof. Dr. Samuel Ngayihembako Mutahinga visitou a UFLA e nesta semana de visitas, em 21 de setembro de 2007, firmou um Protocolo de Intenções de Parceria. Este evento histórico deu formato oficial para a construção de parceria participativa institucional, sob a Coordenação Geral do Prof. Gilmar Tavares.

Em março de 2008, o Prof. Gilmar visitou a ULPGL e campus avançados do seu entorno em Goma, no North Kivu da RD Congo. Durante esta semana de visitas, foram identificadas e discutidas as primeiras informações para as futuras propostas de estabelecimento do Programa de Mútua Cooperação Participativa.

Em outubro de 2010, o novo reitor da ULPGL, Prof. Dr. Kambale Karafuli visitou a UFLA e encaminhou o Acordo de Cooperação UFLA/ULPGL, assinado em 26 de janeiro de 2011, no formato definitivo.

Em seguida, o Prof. Karafuli daria então uma contribuição significativa à parceria UFLA/ULPGL, ao visitar a Embaixada Brasileira de Kinshasa, conseguindo inserir o projeto Vozes da África na Agenda da Visita de Prospeção, que a Agência Brasileira de Cooperação do Ministério de Relações Exteriores do Brasil - ABC/MRE promoveria na RD Congo, em fevereiro de 2011.

Esta ação ousada e oportuna provocou o convite da ABC/MRE ao Prof. Gilmar, para participar deste evento, juntamente com o Prof. Karafuli. Ambos assinaram como futuros parceiros executores, o *“Proces-verbal des Travaux entre les Experts de L’Agence Brasilienne de Cooperation et les Experts Congolais”* em 25 de fevereiro de 2011.

Durante as construções participativas da agenda da Visita de Prospeção em Kinshasa, surgiu como uma benção de Deus, a Srta. Melissa Sendic, Analista de Projetos/Gerência África da ABC/MRE, que estava na função de tradutora francês/português e também mediadora das discussões participativas entre as partes: brasileira e congolesa. Melissa Sendic entendeu os dignos propósitos do projeto Vozes da África e redigiu detalhadamente, com grande visão humanística, as propostas encaminhadas à ABC/MRE, para serem executadas na RDC.

À Melissa Sendic homenagem, respeito e gratidão, para sempre, de todos os organizadores e principalmente os beneficiados pelo projeto. Projeto este, que a transformou em *Anjo-da-guarda* tutelar da parceria.

Assim, as equipes da ULPGL, UFLA e Kinshasa ficaram permanentemente interligadas, formando um grande grupo de trabalho, nas áreas de Agroecologia, Agricultura Familiar e Extensão Universitária Inovadora. Continuou denominado como “Projeto Vozes da África”.

Graças a estas propostas de execução, foi possível capacitar na UFLA/Brasil, 60 (sessenta) professores e técnicos congolese em Agroecologia, Agricultura Familiar e Extensão Universitária Inovadora. Foram 4 (quatro) turmas de 15 (quinze) participantes em cada uma, no período de outubro de 2011 a abril de 2013. Trinta foram oriundos da ULPGL e trinta de Kinshasa.

Em seguida, três professores da ULPGL foram recebidos pela UFLA para participarem de seu programa de mestrado. Um deles continuou os estudos de pós-graduação em nível de doutorado, na própria UFLA.

Em novembro e dezembro de 2013, o Prof. Gilmar retornou à RDC, e em visitas presenciais para avaliação de resultados, atestou comovido, o sucesso das capacitações e o sucesso do projeto.

Aconteceu que, em uma destas turmas de capacitandos, estava presente em 2012, o Prof. Butoa Balingene. Seguiram-se os primeiros contatos com o Prof. Gilmar para o apoio à publicação deste livro de contos africanos. Evento que agora tornou-se realidade em Língua Portuguesa, graças ao trabalho voluntário de várias pessoas no Brasil.

Butoa Balingene

Nascido em 1966 em Kyumba, RD do Congo, leciona em várias instituições de Ensino Superior e Universitário do país. Dentre as quais: ULPGL (Universidade Livre dos Países dos Grandes Lagos), ISP/Machumbi, Universidade do Cepromad.

Está escrevendo uma tese em Literatura e Civilizações da África, na Universidade Pedagógica Nacional (UPN) de Kinshasa, capital da RD Congo.

Tem várias formações, sendo uma delas na Universidade Federal de Lavras - UFLA, no Brasil, em 2012, sobre gestão do meio ambiente,

Entre suas obras, destacam-se:

Le combat du fœtus ou la vie en otage (roman),

Chansons et jeux d'enfants Bahunde,

La chasse chez les Bahunde: catégories et processus de communication,

Sur quelques *écrivains* négro-africains...,

Cours de français dans les grandes classes,

Dictionnaire des mots littéraires pour les débutants,

Nyiragongo ou Histoire de bon voisinage (nouvelle).

Agradecimentos

Esta coleção de contos contém 17 textos (histórias, ou contos) que foram reunidos junto aos sábios, “guardadores da história” aos quais nós agradecemos.

Em particular à Senhora Simwerayi Balume em Kachanga Balere, Mirindi e a todos os estudantes de L1 francês / Instituto de Educação Machumbi 2012-2013.

Agradecimentos especiais ao Engenheiro Maombi, conhecido como Mao Filho, que produziu as várias ilustrações deste livro.

Para todos que de alguma forma contribuíram para este trabalho, dizemos obrigado.

Afirmo que, as histórias aqui apresentadas são anônimas e pertencem a diversas culturas africanas. Podem ser contadas em várias versões.

BUTOA BALINGENE

Agradecimentos especiais aos apoiadores brasileiros

As pessoas abaixo identificadas foram fundamentais para o sucesso da realização desta obra, porque, com cuidado e abnegação, trabalharam voluntariamente, sacrificando gratuitamente parte de seu tempo em benefício desta publicação.

Tradução voluntária: francês/português

Prof. DSc. João Tavares Filho, CCA/Agronomia

Universidade Estadual de Londrina-UEL

Londrina/Estado do Paraná/Brasil

Revisão voluntária de texto

Prof(a). Maria de Carvalho Tavares (D. Meirinha)

Instituto Presbiteriano Gammon

Lavras/ Estado de Minas Gerais/Brasil

Elaboração voluntária da capa do livro

Eng. Agrícola George Artmando da Silva Gomes (Pará)

Núcleo de Estudos em Agroecologia Rural/IF/Sudeste

Muriae/Estado de Minas Gerais/Brasil

Apoio e orientações voluntárias para editoração e publicação deste livro: Renato Paiva, Patrícia Carvalho de Moraes, Renata de Lima Rezende, Heider Alvarenga de Jesus (arte final da capa)

Sumário

<i>Informações gerais sobre o conto</i>	<i>11</i>
<i>O cão, o leão e o porco</i>	<i>19</i>
<i>O casamento da filha única</i>	<i>25</i>
<i>O homem que matou sua mãe</i>	<i>31</i>
<i>A velha mosca e suas três crianças</i>	<i>35</i>
<i>A noiva e o cachorro</i>	<i>41</i>
<i>As crianças peixe</i>	<i>45</i>
<i>O animal familiar</i>	<i>49</i>
<i>O noivo, o cão e o leão</i>	<i>51</i>
<i>A galinha e a perdiz</i>	<i>55</i>
<i>Noiva a qualquer preço</i>	<i>59</i>
<i>O galo e a raposa</i>	<i>63</i>
<i>O barba e o coração</i>	<i>67</i>

<i>O homem, sua mulher e o monstro</i>	<i>71</i>
<i>O lavrador, a serpente e a cegonha</i>	<i>75</i>
<i>O ladrão e o feiticeiro</i>	<i>79</i>
<i>O camaleão e o rato</i>	<i>83</i>
<i>O leopardo e o cachorro</i>	<i>87</i>

Informações gerais sobre o conto

O conto designa uma narrativa de fatos ou aventuras imaginárias. É essencialmente um gênero literário que contém narrativas orais. Pode tanto entreter, como ensinar. Pode ser curto ou longo. Nele, temos uma poderosa força emocional ou filosófica.

Etimologicamente, conto vem do latim *computare* que significa “contar”, “manter/guardar uma lista”. Inicialmente, é uma narrativa que é transmitida através do tempo, por meio da “fala”; a história é contada para transmitir uma lição de vida ou moral.

Gênero narrativo, geralmente em prosa, é uma ficção que relata acontecimentos imaginários, fora do tempo, ou ocorridos dentro de um tempo distante.

Charada, adivinhação, mito, conto de fadas ou conto?

O conto é um gênero narrativo, ao contrário da charada, do provérbio ou da rima.

Também é deliberadamente fictício, ao contrário da lenda que é, às vezes, verdadeira. Ao contrário do mito, a tradição de contar histórias orais tem por estrutura narrativa principal, o mundo dos homens que às vezes integra-se no conto de fadas, ou no conto do mundo dos mortos, espíritos ou deuses.

A lenda é uma história em que as ações, lugares ou personagens relacionam-se com fatos históricos conhecidos, mas que foram distorcidos, amplificados, embelezados pela imaginação. Muitas vezes, é semelhante ao mito, pois tenta explicar um fenômeno natural. Mas, ao contrário do mito, a lenda não é baseada nas divindades.

O mito é uma história inventada para responder às questões que os seres humanos colocam sobre suas origens e as do mundo, para explicar os fenômenos naturais como o aparecimento da água,

da chuva, da terra. O mito quase sempre envolve seres divinos. Constitue, então, a crença de uma comunidade, de um povo.

O mito, o conto, e as lendas entram na literatura oral Africana. Neste contexto, o status do detentor da palavra na África, muda muito de um povo para outro.

Muitas vezes, são profissionais que proferem a palavra tradicional, mas há também um grande número de especialistas da palavra: poetas líricos, músicos, cantores, genealogistas, historiadores, contadores de histórias, contadores de histórias itinerantes.

Tradicionalmente, apenas homens velhos e sábios podiam contar histórias, porque representavam a tradição e a sabedoria da sociedade. Mas hoje, homens, mulheres, crianças, todos podem se lançar a essa atividade. Para fazer isso, o contador de histórias deve ter um domínio perfeito do texto que ele quer falar e não parar ao longo do caminho. Para a narrativa ocorrer bem, deve ser assegurada uma sucessão de acontecimentos, no final de cada conto.

Frequentemente, os contos são feitos à noite, mas às vezes, as mulheres dedicam-se a isso durante o dia, para as crianças. Podem, também, contá-los entre eles para memorizar as histórias. Contam-se aos adultos, histórias curtas que ouviram no exterior. Observa-se que, quando os homens contam histórias entre si, são contos muitas vezes obscenos, e as mulheres não têm o direito nem de ouvir, nem de contar! Algumas histórias são reservadas para as mulheres, e outras aos homens. Em alguns locais, são as mulheres que contam. Especialmente, as avós aos netos.

Conteúdo e missão do conto africano

O repertório de contos africanos é composto de histórias sobre a família, a vida da mulher, a união, a solidariedade. A maioria dos contadores de histórias são artistas, atores, pois contar histórias é a intersecção entre a arte da palavra e do gesto. Neste contexto, o contador de histórias é o principal ator.

Ele dá vida a todos os protagonistas do conto. Assim, pode ser sucessivamente animal, planta, bom, mal, agradável, homem, mulher.

Dentro da mesma estrutura do conto, o contador de histórias pode adaptar-se ao seu público, improvisando livremente milhares de contos.

A literatura oral africana desempenha inúmeras funções na sociedade: iniciação, educação, entretenimento. O conto é o espelho da sociedade. Nele, destacam-se: atitudes, crenças, e valores sobre certos comportamentos. É um verdadeiro curso de educação moral na teoria e na prática que a sociedade, por meio desse gênero, dá a seus membros. Ele impõe padrões morais, mobilizando todos os recursos do indivíduo: pensamentos, músculos e outros enfoques. Envolvente, faz o público e a sociedade engajarem-se para encontrar seu modelo de referência. Pode até mesmo, atuar como um tratamento preventivo na sociedade. A natureza didática do conto não é apenas para as crianças, pois funciona como educação continuada.

Língua e os personagens dos contos africanos

Na África, as histórias não são contadas na língua do dia a dia. O conto exige uma linguagem sagrada, impregnada de impressionismo. O vocabulário é rico em palavras expressivas, especialmente verbos sugestivos. Deve inspirar muito em poucas palavras, uma vez que o estilo oral requer uma redução do texto. A nuance da voz, imitações e símbolos são combinados nesse estilo. A linguagem do conto é muito ritmada. Isto é o que permite a memorização. É também musical. Contém vários sons expressivos. A linguagem do conto não é só verbal. Usa grande número de emoções através do corpo, gestos e expressões faciais.

Os personagens de contos são de vários tipos. São seres humanos, animais, minerais, plantas de todos os meios e origens. São reis, camponeses ricos, crianças e adultos, mulheres ou homens. Podem

ser, também, seres sobrenaturais como um monstro, um ogro ou um gênio. Alegóricos como o amor, a bondade, a morte.

O mesmo conto pode combinar várias classes de personagens. Não é incomum um homem se casar com uma aranha ou uma mulher ter um filho de uma lebre, como na fábula em que animais são personificados e têm traços de caráter pré-definidos.

Estrutura do conto

O conto é muitas vezes enquadrado em um formato de entrada e um formato de saída. Há também, expressões para manter a atenção do público.

O anúncio é feito para introduzir o público no clima da história e o contador de histórias no mundo simbólico. As fórmulas finais garantem a transmissão do conto e permitem engajamento entre eles.

Incentivam outras pessoas a falar e marcam especialmente o retorno do contador de histórias ao mundo real. Portanto, essas fórmulas colocam o conto em um mundo imaginário e simbólico. Eles usam metáforas e outras imagens.

Após a apresentação, vem o conto propriamente dito. Ele é composto de discursos, às vezes acompanhado de cantos. As músicas são curtas, mas altamente carregadas de emoção. Esta emoção é aumentada pela participação coletiva dos ouvintes na música. Não se interrompe um contador de histórias.

Quanto à conclusão, o conto é dividido em duas partes a saber: uma conclusão lógica e a lição moral.

Alguns tipos de contos

- Os contos etiológicos

Estes são chamados de “contos porquê.” Eles contam o porquê das coisas e do mundo. Podem explicar a origem de um fato, como a dos fenômenos cósmicos.

- As caminhadas

Estes são contos acumulativos, por vezes, referidos como contos em cadeia em que a fórmula é infinitamente repetida, tipo: “O servo chama o açougueiro que não quer matar o bezerro, que não quer beber o rio, que não quer apagar o fogo, que não quer queimar a vara” etc.

Estes contos apresentam uma estrutura acumulativa ou de repercussão. Às vezes, a situação inicial é bloqueada e vamos obter ajuda para desbloquear. O auxílio será concedido apenas sob certas condições.

São interessantes para trabalhar a cronologia de um texto, já que, uma ação leva à outra, e assim por diante. Este é um excelente suporte de memória.

- Os contos de animais

São histórias em que os animais desempenham um papel muito importante. Estes podem ser animais domésticos ou selvagens que são personalizados. Isto quer dizer que os animais se comportam como seres humanos, embora mantendo certas características de sua animalidade.

- Os contos de advertência

São contos especialmente destinados à educação infantil. O objetivo moral de tal conto é estabelecer as proibições sociais para fins de proteção. A moral é direta como “se você quebrar tabus, o perigo ameaça, a morte te espera.”

- Os contos de mentira

Estas são histórias nas quais rapidamente se torna claro que tudo é falso e o contador vai praticar um lance muito maior, considerado impossível, sendo um, mais inimaginável que outro.

- Os contos absurdos, contos caóticos, peculiares, estranhos

Também chamados de contos filosóficos. Ridicularizam qualquer circunstância, qualquer pessoa e qualquer coisa, quando usados corretamente. Vamos descobrir, dentre outras coisas, que, nesses contos, é agradável falar, não se importa o quê. O absurdo é o que está errado no sentido da razão, que não respeita as regras da lógica.

- Contos do Diabo ou conto do Ogro

São contos em que intervêm o diabo ou o ogro.

- Os contos maravilhosos ou fantásticos

Conhecidos como “contos de fadas”, incluem elementos sobrenaturais de um fundo religioso ou animista. O conto de fadas popular é completamente fictício.

O conto fantástico mergulha o leitor em um mundo em que se parece em todos os aspectos com a realidade: um universo cujos lugares, os personagens e as ações são descritas com atenção e

verossimilhança. A explosão sobrenatural é insuportável para o real, o que causa desconforto e até mesmo medo ao leitor.

- *Os contos brincalhões*

Este tipo de conto inclui todos os tipos de diferentes histórias, muitas vezes anedóticas. Inclui grande número de anti-heróis que passaram sem sucesso, estágios de iniciação. A maioria dessas histórias são destinadas a adultos (histórias de casais, iniciador enganado, o casamento como punição, histórias sobre mulheres).

- *Os contos de sabedoria*

São histórias baseadas na reflexão e na filosofia da humanidade. Este tipo de conto é necessariamente de difícil acesso e, portanto, reservado aos adultos. Pode, de alguma forma, ser um conto absurdo para os não iniciados.

- *Os contos frios*

São aqueles que causam medo excessivo. São histórias maravilhosas que cruelmente criam medo. Ao lado de histórias engraçadas, absurdas ou apenas um pouco perturbadoras, algumas cruéis, despertam o medo; não que eles retratem seres horríveis, mas porque levam ao excesso o medo e os pesadelos a todo ser humano.

O cão, o leão e o

O cão, o leão e o porco

O cão, o leão e o porco

O cão, o leão e o porco

O cão, o leão e o porco

O cão, o leão e o porco

O cão, o leão e o porco

O cão, o leão e o porco

O cão, o leão e o porco

Há muito tempo, naquela aldeia, atrás da grande árvore de fruta, o leão, o cão e o porco viviam em comunidade, cada um com sua esposa. Os dias se passaram. O céu se abriu, e suas companheiras deram à luz. Tudo correu bem.

O leão tinha planejado de um dia visitar a família de sua esposa. Convidou seus amigos e fariam todo o caminho juntos.

Como é nosso costume, quando visitamos nossos sogros, devemos levar presentes e outros sinais de estima e fidelidade. O leão preparou-se durante, pelo menos três dias.

Era o momento, no qual, queria honrar uma promessa, ou seja, trazer carne fresca de filhotes de cachorro e leitões.

Veio então o dia da viagem. Todos os três pegariam a estrada. Mas antes disso, o leão rodeou a casa de seus amigos. Foi primeiro encontrar a porca e disse:

– Senhora, vamos esta manhã visitar meus sogros. Haverá uma grande festa, para a qual sou convidado. Falei sobre isso com seu marido que aceitou acompanhar-me. Esta festa é especial para as crianças, e eu gostaria que um de seus filhos nos acompanhasse. Mas seu marido se opôs. Eu não queria passar uma vergonha com meus sogros. Por isso, queria pedir-lhe um de seus filhos. Assim que a festa terminar, o trarei são e salvo.

A esposa do porco, considerando a relação entre as famílias, não hesitou em ceder um de seus leitões, aquele mais gordinho e mais forte em comparação com os outros seis.

O leão bem esperto, antes de partir, agradeceu sua interlocutora e solicitou, insistentemente, para não dizer nada ao marido. Disse-lhe de viva voz:

– Seja sensata, Madame. Se seu marido descobre uma só palavra de nossa conversa, ele vai te machucar. A senhora sabe que ele não quer que seus filhos frequentem a festa.

Eu disse que o leão rodeava as casas de seus amigos, com a mesma conversa. Em tempo recorde, convenceu as mulheres de seus companheiros. E antes de sair, disse aos dois pequeninos, respectivamente o cão e o suíno:

– Vocês sabem que seus pais não querem que vocês participem da festa. É por isso que os escondo, para que eles não possam vê-los. Portanto, não façam barulho e fiquem quietos, caso contrário, vão ficar com raiva e vão fazer vocês voltarem para a aldeia. Assim, vão perder a festa. Eu lhes asseguro, haverá de tudo de comer, de beber e outros jogos para vocês, meus filhos!

Enquanto isso, o cachorrinho olhou para a esquerda para a direita, e em todos os lugares. Notando que não havia nenhum leãozinho, ele quis saber mais. Rapidamente, sua pergunta foi sufocada pelo leão que respondeu dizendo:

– Ah, não! Seus irmãos e meus filhos, já foram mais cedo. Eles já chegaram para ajudar nos preparativos.

Com essas palavras os filhotes foram convencidos.

O leão não levou muito tempo para colocar os filhotes de seus amigos em um saco que se fecha hermeticamente.

Feliz por ter conseguido aplicar sua estratégia, chamou seus amigos e começou a viagem em comboio. Nesta ocasião, o porco, gordo e forte, foi escolhido para transportar a embalagem.

Ao longo do caminho, enquanto o leão afastou-se para fazer xixi, o cão, que suspeitava do pacote, abriu-o e descobriu o conteúdo que foi removido e substituído por pedras antes do retorno de seu amigo, o leão. O cão escondeu-se em um lugar seguro com seu pequeno, e o filhote do porco.

Em seguida, chegou o leão. A viagem prosseguiu.

Alguns momentos depois, o cão por sua vez, pediu desculpas e foi fazer xixi. Ele fez uma pequena caminhada e recuperou os filhotes que havia escondido.

Mais tarde, na aldeia, descarregou o pacote e foi, rapidamente, na casa de seu amigo o leão, onde encontrou sua esposa e disse:

– Senhora, você sabe como eu e meu amigo, seu marido partimos. Foi realmente dentro de uma precipitação total. Ele até se esqueceu de avisar a seus filhos. Assim, enviou-me para levá-los até ele. Prepare-os rapidamente, vista-os da melhor maneira, porque vão para à casa de seus avós, que os esperam.

Está bem! Dito e feito!

Rapidamente, o cão pegou os filhotes do leão, e a toda velocidade encontrou seus amigos. Antes disso, teve o cuidado de dizer aos filhotes do leão:

– Vocês sabem, meus filhos, seu pai não queria que vocês participassem da festa. Se ele os vir, poderá querer voltar para a aldeia. Portanto, não façam barulho ou vocês vão perder a festa. Eu vou escondê-los em um saco, não se mexam até que eu dê um sinal.

A viagem continua. Em um dado momento, o cão sinalizou ao porco que o saco de pedras foi substituído pelo saco com os filhotes do leão.

Ao longo do caminho, o leão, certo de ter conseguido seu golpe, criou uma espécie de senha, pela qual cumprimentava cada um, com quem se encontrava. Orgulhosamente, falava:

– “Eu estou levando ao homem o que ele ignora.”

Toda vez que ele proferia essa frase, o porco respondia com:

– “O que sabe um homem, é também para outro.”

E o cão completava:

– “Eu, minha chegada e minha volta, são um só passo.”

Os três amigos, nesse ritmo, caminharam longos quilômetros até chegar ao destino.

Todos os três foram bem recebidos. O leão foi entregar os presentes e os preciosos pacotes. Com uma ressalva, proibiu a sogra de abrir antes de cozinhá-los.

A sogra ferveu água e jogou diretamente nela, todo o seu conteúdo.

Isso foi feito enquanto o porco e o cachorro estavam se preparando para fugir.

A sogra cozinhou o pacote como foi recomendado por seu genro, depois, o abriu.

Qual foi sua surpresa! Ela havia acabado de matar seus próprios netos.

Quando o leão olhou os cadáveres de seus filhos, quis vingança contra o cão e o porco, seus companheiros. Tarde demais. Eles já haviam fugido!

Desde esse dia, o leão desenvolveu uma inimizade contra o cão e o porco.

Portanto, devemos evitar projetos que prejudiquem uns aos outros.

“Que as raízes que se encontram atrás de nossa casa se tornem anãs, mas que eu cresça.”



O casamento da filha única

Há muito tempo atrás, vivia um rei que precisava de uma mulher. No entanto, na região, realmente não havia nenhuma menina para casamento.

Neste lugar, vivia Bwira, filha única de uma grande família! Para protegê-la de todo o mal, seus pais proibiram-na de sair de casa. Toda vez que eles iam para o campo, fechavam-na em casa. Ela não saía, ela obedecia!

Um dia, Shawira e Nabwira, os pais de Bwira foram para o campo, como de costume.

Enquanto isso, haviam deixado sob o cuidado de sua filha, uma panela de feijão que cozinhava. Eles lhe recomendaram fortemente:

– Você cuidará da panela. Quando a água abaixar, você adicionará mais. Aqui, as lascas de madeira com que você manterá o fogo. Com nosso retorno, teremos apenas de preparar as bananas com as quais comeremos o feijão.

Seus pais não sentiram necessidade de lembrar à Bwira para não sair de casa, e foram a caminho do campo.

Enquanto Bwira cuidava da panela, constatou que não havia mais água. Quis aproveitar a água da cabaça-reservatório, e descobriu que não havia mais água. O cozimento do feijão ainda não tinha terminado, e pensou:

– Que dirão meus pais quando retornarem? Eles deixaram a panela com o feijão cozinhando, para que, quando retornassem, não perdessem tempo. O que vão falar quando encontrarem o feijão sem estar cozido?

Ela foi até à porta para verificar se não estava fechada. No primeiro toque, a porta abriu-se. Sem demora, correu para a cozinha, pegou uma cabaça, e fez o caminho até o rio.

– Bem, vou rapidamente pegar água e voltar, pensou ela.

Com uma velocidade inacreditável, Bwira chega ao rio. Começou a encher a cabaça com água. Com a cabaça cheia, a nossa menina estava encantada com o esplendor da água do rio e pensou:

– Se eu nadar nesta água doce e bonita, com o calor no seu auge, isso vai me fazer bem.

Ela colocou a cabaça sobre a pedra grande perto do rio. Despiu-se e “pouf”, pulou na água.

Ela estava tomando banho, sem saber que estava sendo espionada pelo pigmeu do Rei que havia recebido como principal missão de seu chefe buscar uma esposa para ele.

Sem qualquer ruído, o pigmeu andando na ponta dos pés, muito lentamente, conseguiu apanhar as roupas da menina e fugir. Até os caros ornamentos de Bwira foram levados. Na qualidade de uma garota local, realmente tinha belos ornamentos.

Seus pais haviam gastado bastante com tudo isso!

Após alguns minutos, o pigmeu deu um grito para provocar a menina. Surpresa, ela saiu da água e pensou no que iria dizer a seus pais que lhe compraram toda aquela riqueza para se vestir. Pensou em todos os ornamentos que usava! O que eles vão dizer quando não me encontrarem em casa? E o feijão? Estas perguntas começaram a atormentá-la.

Ela cortou um pouco de folhas para esconder “a sua nudez” e começou a perseguir o pigmeu do Rei. Em uma distância considerável, ela corria, ele corria, assim por diante.

Um pouco cansada, ela começou a cantar, repetidamente:

– *Você, pigmeu, que ainda cheira mal, dê-me os meus ornamentos!*

O pigmeu do Rei não demorou a responder, e a música se repetia.

– *Olha, eu não vou voltar...*

Enquanto isso, ele aumentou a velocidade, e a menina corria sobre os calcanhares.

A perseguição continuou.

De onde estava, Nabwira, a mãe da menina ouviu uma voz. Parou de trabalhar para identificar corretamente de quem era e, percebeu que era de sua filha. E, sem dizer uma palavra, jogou a enxada e começou a seguir a voz.

Ao longo do caminho, quando percebeu que a voz era de sua filha afastou-se mais, e cantou várias vezes:

– Bwira, volte para casa, vou comprar mais ornamentos para você!

Enquanto cantava, perseguia a filha, que seguia o pigmeu.

O homem, Shebwira, pai da menina, vendo que sua esposa não retornava, e que sua voz desaparecia na floresta, deixou cair a enxada e começou a perseguição. Ele correu, correu, correu muito mais do que já tinha feito.

Um pouco desanimado e cansado, começou a cantar várias vezes:

– Minha Nabwira, retorne para casa, eu a colocarei em outro mundo.

Enquanto cantava, perseguia sua esposa, que perseguia sua filha, que estava atrás do pigmeu do Rei. A cena se passava sobre as colinas e vales. Eles continuaram e continuaram se perseguindo.

Chegando perto da aldeia real, o pigmeu do rei fez um sinal para os moradores. Eles se prepararam para o grande evento.

O pigmeu, rapidamente, se atirou para dentro da casa do Rei. Num piscar de olhos, Bwira, perseguindo-o, entrou também, de forma brusca.

O Pigmeu, escondido atrás da porta, soltou as roupas e os ornamentos e, como uma flecha, fechou a menina dentro da casa do Rei.

O Rei estava pronto para o casamento. Ele conheceu a garota.

A mãe da menina aflita, suando até os pés, entrou na aldeia. Enquanto fazia um pouco de barulho, os servos do rei dominaram-na, dizendo:

– Sente-se aqui, a Senhora está na aldeia real.

Deram-lhe comida e bebida.

Pouco depois, foi o pai quem chegou, com a língua para fora. Ele estava suando como ninguém podia imaginar.

E, também, quando quis falar, foi-lhe dito que havia chegado à vila real e deram-lhe comida e bebida.

O Rei, no trono onde se encontrava, contente com sua esposa, solicitou a seus servos para apresentar-lhe a seus pais.

Isso foi feito.

Antes mesmo que eles falassem, o Rei lhes ofereceu presentes: cabras, galinhas, colinas para cultivar, trabalhadores, servidores e muitas outras coisas, mesmo antes da discussão do dote.

Foi somente mais tarde, na presença de membros da família de Shebwira, que o dote foi discutido e o casamento realizado.

Depois desse dia, toda a família de Shebwira ficou rica e vive até hoje, como príncipes, perto do Rei.

Às vezes, o mal que recebemos abre-nos o caminho para a felicidade.

“Que as raízes que se encontram atrás de nossa casa se tornem anãs, mas que eu cresça.”



O homem que matou sua mãe

Há muito tempo atrás, em uma vila distante, moravam um homem e sua esposa. Na casa deles, vivia, também, a mãe do marido.

Quando o casal ia para o trabalho no campo, a velha avó cuidava das crianças, todas pequenas. Enquanto isso, a mãe da mulher que morava na mesma aldeia, estava infeliz ao ver que a outra avó tinha boas relações com seus netos e, além disso, o direito de mais benefícios do esposo de sua filha.

Os dias se passavam e a avó materna ciumenta, manteve-se pensando em estratégias para alterar a harmonia vigente na casa de sua filha. Ela até agiu, por interesse, contra a vida da avó paterna. Este projeto, entretanto, não teve êxito porque sua filha ainda não tinha sido convencida dessa lógica. Ela ainda amava a seu marido e sua sogra.

Os dias se passavam. O Amor, a compreensão e a alegria viviam naquele lar.

Em um dia tão triste como ontem, talvez como amanhã, a mulher pediu ao seu marido para procurar adornos como os que ela tinha visto com sua vizinha. Ela disse:

– Meu marido, meu querido, eu vi a esposa de seu vizinho com novos adornos.

Quero que você compre iguais pra mim, hoje!

Enquanto ela falava, sua sogra ouvia tudo, e calculava quanto custaria para seu filho comprar os ornamentos.

– É muito caro! Pensou consigo mesma.

À noite, o jovem esposo chegou com os adornos, como foi solicitado pela sua esposa.

No dia seguinte, foi a mãe do jovem que pediu a seu filho para comprar-lhe um vestido semelhante ao que o vizinho tinha comprado para sua mãe.

Enquanto ela falava com o filho, a mulher ouvia toda a conversa. Ela imaginou o custo da aquisição da referida roupa. E, também, com ciúmes, pensou em sua própria mãe.

No dia seguinte, o homem veio com o vestido, conforme solicitado por sua mãe.

Então, o ciúme foi crescendo, crescendo e crescendo no espírito da esposa. Ela fala pra ela mesma:

– Esta velha tornou-se minha rival, na minha casa! É o que minha mãe me disse!

A jovem montava estratégias e decidiu:

– “Eu vou matá-la, e pronto. Assim ela não me incomodará mais.”

À noite, nos braços do seu marido, a jovem mulher falou-lhe aos ouvidos:

– Meu marido, você vê como somos pobres. Os trabalhos do campo vão em breve, matá-lo, bem como a todos nós, por serem muito pesados! Felizmente, para nós, hoje, eu tive um sonho. Nós vamos ser ricos se cada um de nós matar sua mãe.

O homem hesitou: - “matar, cada um, sua mãe? Eu, matar a minha mãe? Aquela que...”

Finalmente, ele foi persuadido pelo amor à sua esposa.

Os dois começaram a pensar como podiam tramar a ação e, logo chegou o dia da execução do projeto.

Cada um deles levou sua mãe ao rio, o homem levou-a à nascente e a mulher, à foz.

O marido fiel executou corretamente o projeto. Sua mãe caiu na água após ser jogada por seu próprio filho.

A esposa contou tudo à sua mãe e a escondeu em uma caverna à beira do rio. Mas, antes de seu retorno, teve o cuidado de esmagar algumas folhas vermelhas em uma pedra no rio, dando uma cor avermelhada à água.

Quando o casal chegou em casa, o homem perguntou à esposa se ela também havia matado sua mãe.

A mulher respondeu:

– “Então você não viu o sangue na água?”

Ela estava se referindo à vermelhidão da água das folhas que tinha esmagado.

O homem estava convencido!

Com o passar dos dias, o homem suspeitou dos movimentos de sua esposa. Cada dia, especialmente após às refeições, ela ia para o rio sob o pretexto de lavar a louça.

Um dia, como vinha acontecendo, a mulher fez o mesmo. Ela não sabia que o marido a estava seguindo em espionagem. Ele viu tudo e ficou em silêncio como um cadáver.

Esperou o dia seguinte. Na parte da manhã, começou a afiar sua lança. Quando a mulher foi dar comida para sua mãe, o homem, com a lança na mão, foi atrás, sem ser visto.

Quando sua esposa fazia como de costume, o homem escolheu o momento certo. Sem ser visto, lançou a primeira lança que acertou sua sogra. Quando sua esposa quis salvá-la, recebeu a segunda lança que abriu seu coração. Ela caiu também!

É a isso que o ciúme pode levar.

“Que as raízes que se encontram atrás de nossa casa se tornem anãs, mas que eu cresça.”



A velha mosca e suas três crianças

Há muito tempo atrás, em uma vila próxima à do meu pai, moravam a velha mosca e seus três filhos. Havia grandes extensões de terra arável. Nesse local, o pai-mosca mantinha jardins, grandes campos e relações amigáveis com milhares de outras criaturas, sendo muito respeitado.

Esta velha mosca trabalhava muito e sua grande sabedoria era reconhecida. Em sua casa é que se davam os conselhos. Ela era tão inteligente quanto rica. Todos vinham a ela por este ou aquele conselho. Em toda sua vida, seus olhos já tinha visto tudo: do ridículo à sabedoria, da estupidez à inteligência; da mulher ao homem, da criança ao adulto, do exterior ao interior, do outro para si mesmo, do sim ao não, do salgado ao doce, da felicidade à infelicidade. Tudo já havia passado pelos olhos da sábia mosca.

Tanto a verdade, como a falsidade; para ela, não havia segredos!

Os dias se passavam, passavam, tudo se passava!

Sentindo-se ameaçada pelos dias, percebia que sua vida estava findando. A velha mosca reuniu seus filhos e lhes disse:

– Meus filhos, observem que logo vou morrer! Meu dia não tardará a chegar.

Vejam vocês! Em breve, vou deixá-los. Irei para a terra de nossos antepassados.

Acho que não estarei por muito tempo por aqui, observem. Estou na estrada, que começou com o nascimento. Desta vez, está muito próximo. Venham para a herança.

Então, iniciou o discurso, bem preparado!

Ouçam, meus filhos, usem sempre os frutos da nossa cultura, meus campos são nossos.

Cada um de vocês vai viver sobre a parte que cultivam!

Como vocês bem sabem, nós temos três amigos que podem ser, também, inimigos: fogo, mel e bebida.

Vocês todos sabem. Fogo traz luz e calor. Ele ajuda a cozinhar alimentos. Isso é bom! Mas não podem chegar muito perto. Ele vai queimá-los e vocês irão deixar sua vida e sua história. Ouviram?

– Sim, querido pai, responderam as crianças.

– Vocês sabem ainda. O mel é delicioso, bom gosto! Ele cura até mesmo certas doenças!

Mas, meus filhos, não se atrevam a pousar sobre o mel, vocês serão presos e morrerão. Será o fim para vocês. Tudo termina. Suas vidas não terão nenhum valor frente a esta doçura! Ouviram?

– Sim, querido pai, responderam as crianças.

– Vocês finalmente sabem, muito bem ainda: a bebida é boa. Ela agrupa homens, mulheres, amigos e outros. Nós não bebemos apenas para nos distrair. Ela também ajuda a nos dirigir aos nossos antepassados. Mas cuidado, não gostem demais da bebida!

Ficarão embebedados, serão sepultados, e nada mais haverá para vocês!

Ouviram?

– Sim, querido pai, responderam as crianças em uníssono, e finalmente acrescentaram:

– Vamos considerar o seu conselho, querido pai. Isto é como imortalizar o senhor, concluíram eles.

Após este discurso, a Mosca-Pai retirou-se para sua cabana, adormeceu e não acordou mais. Todos ficaram de luto. As crianças choraram a morte de seu Pai por algum tempo.

Pelo menos por três dias.

O luto terminou, e os três filhos voltaram ao trabalho no morro, no vale, na planície.

Eles prosperaram tanto quanto a seu pai.

Os dias se passavam. A Mosca-Caçula caminhava em uma noite, quando encontrou uma luz bonita em uma casa, onde crianças, mulheres e homens haviam se reunido para um “bate papo”. Este é o lugar para onde a Mosca-Caçula dirigiu-se.

Virou, revirou, subiu, desceu, aproximou-se e afastou-se para longe do fogo, enquanto homens, mulheres e crianças estavam rindo. A mosca acreditava que aplaudiam-na e refazia seus movimentos exibindo-se! Isso a fez esquecer-se do conselho de seu pai. Saltou mais alto, mais baixo, esquecendo-se das instruções dadas. Você sabe o que aconteceu? Voando para cima, para depois descer, a mosca-caçula queimou as asas e caiu no fogo.

Os outros dois irmãos ouviram a notícia de sua morte e choravam por pelo menos três dias.

Os dias se passaram, passaram. Tudo passa!

Um dia como hoje, a mosca do meio foi convidada pelo amigo de seu pai, que organizava um encontro para marcar o fim do luto. Uma grande festa estava preparada. Muita comida, bebida e convidados.

A mosca tendo tomado o primeiro cálice de bebida, sentiu o efeito.

Inicialmente, resistiu, e ainda se lembrava do conselho de seu pai. Mas não como ele, cedeu. Bebeu o primeiro cálice, um segundo e um terceiro. E mais e mais...

Como era de se esperar, a mosca começou a chorar em voz alta, e com suas canções, mostrava que era necessário mantermos murmúrios, enquanto recordava a aventura da mosca-caçula, e a morte no fogo. Era como se ela vivesse uma loucura! Deixe-me tomar, isso me faz esquecer das preocupações da morte de minha irmã.

Assim, ela bebeu, bebeu e bebeu, esquecendo-se do conselho de seu pai. Enquanto isso, não estando satisfeita, foi para a “bacia” de bebida, localizada não muito longe. Ela mergulhou suas patas na bebida e nadou. Bebeu, bebeu e bebeu...

Você sabe o que aconteceu? Revirou-se na “bacia de bebida”. Foi sua sepultura!

Seu irmão primogênito, ouviu a notícia da morte do irmão caçula e chorou por pelo menos três dias.

Os dias se passaram. A mosca primogênita vivia incomodada. A um dado momento, pensou que seus irmãos tinham sido estúpidos o suficiente em relação ao que lhes aconteceu, já tinham conhecimento de tudo, pois, seu pai tinha sido sábio para lhes ensinar o certo, antes de morrer. Mas o que é importante falar com as crianças que não seguem os conselhos?

Os dias foram se passando, passando e passando. Passaram como hoje e ontem, talvez amanhã também. Assim, todos os campos da Sábua Mosca foram cultivados, pela filha primogênita. E os dias se passaram um após o outro, sem que se assemelhassem.

Um dia, a primogênita chegou do campo muito cansada. No caminho, encontrou um copo de mel deixado junto à estrada pelo seu proprietário que tinha ido se aliviar no mato, atrás de uma grande árvore. Olhou para a esquerda, direita, para frente, para trás, para cima, para baixo, sem ver ninguém. Ela pousou na borda do copo e enfiou a boca no líquido, mantendo as asas no ar para não se esquecer do conselho de seu pai. Ela ainda se lembrava!

Enquanto estava tomando o mel, o proprietário veio e queria esmagá-la. Surpresa, a mosca primogênita tentou escapar. Inadvertidamente, bateu as asas no mel e ficou presa. Você sabe o que aconteceu?

Tentou bater as asas no mel, mas ficou presa, e se afundou. Este foi o túmulo da mosca primogênita!

Isso foi a extinção da família Mosca!

É assim que este mundo recompensa àqueles que não querem seguir os bons conselhos.

”Que as raízes que se encontram atrás de nossa casa se tornem anãs, mas que eu cresça.”



A noiva e o cachorro

Há muito tempo atrás, quando os rios ainda fluíam normalmente, havia um homem que ia se casar.

Este jovem vivia sozinho em sua aldeia, onde havia apenas pessoas idosas, ultrapassadas, fora de moda. Um dia, andando pelas aldeias e florestas, conheceu uma bela garota que ele amou. Um pequeno diálogo os conduziu ao noivado.

Os dias foram se passando e passando! O homem reuniu o dote. Tios, tias, primos e, especialmente seu pai e seus amigos, bem mobilizados pela causa, entrevistaram e tudo foi bem preparado.

O homem, agora apressado, para ter sua esposa, enviou-lhe uma notícia.

Ele disse:

– Antes da chuva cair, vou cumprimentá-la e dizer em que dia o dote será pago.

A mensagem chegou à família da noiva, imediatamente.

O dia chegou. O noivo não tendo encontrado ninguém digno para acompanhá-lo, encontrou seu amigo cão. Emprestou-lhe roupas bonitas. Depois, pegaram a estrada.

Chegaram à vila da noiva, e foram bem recebidos. A bebida, a comida e a dança fervilhavam. Mas o que iria surpreender, é que o cão parecia descontente. Quando viu a noiva passar por ele, sentiu como uma pontada no coração e, às vezes, com a boca aberta, babava. Até se recusou a comer ...

– Coma, meu amigo. Tudo isso é para nós, disse o noivo. Mas muito pensativo, o cachorro não disse nada.

Quando a família da noiva veio para ouvi-los, o cão, antes de tudo, desencadeou sua raiva. Levantou-se, tomou a palavra e falou para a assembléia:

– Este homem é menos sério.

Vejam como ele acaba de sujar minhas roupas!

Tire rapidamente minha roupa,disse o homem! Eu lhe disse para acompanhar-me, e veja o que fez! Agora quer ser o meu chefe! Remova rapidamente, essas roupas!

Um silêncio foi observado na casa. A aldeia inteira estava olhando para a noiva. Mas quem é ele? Quem é? Perguntaram-lhe.

Envergonhada, a noiva colocou-se ao lado do cão,que estava sério, com o nariz bem molhado!

E, automaticamente, tornou-se o noivo!

O outro, despido, tentou falar para defender seu direito, mas foi em vão. Voltado para dentro de si mesmo, continuou a comer e a pensar. Comia, enquanto o outro conseguia encantar a esposa.

Ele entendeu que o amigo, não querendo comer, planejava tirar a mulher do outro.

O tempo passou.

O noivo, o primeiro, também meditou, e cara a cara com o cão, jogou-lhe um osso. O cão saltou de sua cadeira sobre o osso. Ridículo!

Foi a oportunidade esperada pelo primeiro noivo para agir!

– Como você quer dar a sua filha a um tal que só vê os ossos? Veja, ele começa a pular sobre um osso e, amanhã, poderá ser sobre ela!

Como era de se esperar foi o fim da aventura. Nem um e nem o outro levou a noiva!

Por isso, é importante saber escolher os amigos!

“Que as raízes que se encontram atrás de nossa casa se tornem anãs, mas que eu cresça.”



As crianças peixe

Havia, há muito tempo atrás, nesta aldeia, ao lado da nossa, uma família. Nesta família, havia entre seus muitos filhos, um menino, o único entre vinte meninas.

Os pais do menino, disseram-lhe:

– Nosso filho, preste atenção. Não saia sozinho para ir pescar no rio aqui atrás. Você sabe como ele levou seu irmão e suas duas irmãs. Cuidado, cuidado!

O jovem assentiu com a cabeça e prometeu nunca fazê-lo.

Um dia, havia chovido muito forte e o rio atrás da casa da família transbordou-se. Suas águas levantaram-se muito alto.

Tal evento, fez a felicidade dos pescadores. E o jovem não estava de olho fechado.

Vendo os outros aproveitando-se da ocasião, e os pais trazendo peixes de todas as espécies para casa, animou-se e, de repente, escapou da vigilância dos pais.

Rápido, linha na mão, foi à beira do grande rio. Na primeira lançada da linha de pesca, um pequeno peixe foi capturado. Quando queria matá-lo, imediatamente o pequeno peixe transformou-se em uma linda mulher. Ela sentou-se ao lado do jovem e não disse nada.

Confrontado com esta beleza angelical, atordoado, o jovem relançou seu anzol.

Um segundo peixe pequeno foi retirado da água. Tal como no primeiro caso, transformou-se em uma linda mulher, tão linda quanto a primeira.

Neste momento, as duas mulheres se declaram como esposas do jovem guerreiro que, vendo sua beleza, logo aceitou a oferta.

A ida das mulheres para a aldeia não era incondicional. Elas disseram ao jovem:

– Tornamo-nos suas esposas. Mas, voltaremos para a água se você falar que somos peixes. Acordado? – Sim, disse o jovem muito feliz.

Na aldeia, era a festa: “o jovem tinha feito de apenas uma pedra, dois copos”!

Nosso amigo sussurrou algo no ouvido de sua mãe. Disse a ela o que lhe tinha acontecido durante a pescaria e a proibido, para sempre, de comentar.

Os dias se passaram. O jovem, anos depois, tratava adequadamente suas esposas.

Cada uma tinha um filho. Meninos que foram incluídos à família.

Os dias foram se passando.

Um dia, a mãe do jovem estava secando amendoim na frente de sua cabana. Deixou os netos e foi buscar água. Em seu retorno, ela encontrou as crianças brincando no amendoim, que deveriam ter guardado. Eles irritaram a sua avó. Na raiva, ela disse:

– Em vez de cuidar do amendoim que vocês vão comer à noite, o estão danificando! “Vocês são como filhos de peixe!”

Dada a forma como essa frase foi lançada para as crianças, que ainda não conheciam a origem de suas mães, as fez começar a chorar. Choraram, choraram, até o retorno de suas mães. Mesmo antes de perguntarem o que tinha acontecido, os filhos contaram-lhe tal qual, havia sucedido. As mulheres ficaram com raiva, ameaçando voltar para a água, como foi acordado com o seu marido. Mas ele pediu perdão e prometeu que o ocorrido, não se repetiria novamente. As mulheres foram convencidas a ficar.

Os dias foram se passando...

Um dia, a avó e todos os adultos foram para o campo. Enquanto eles estavam cada um em suas atividades rurais, as duas crianças permaneceram na aldeia. Começaram a brincar com os utensílios de cozinha e alguns foram danificados, incluindo a grande cabaça que os pais de sua avó deram-lhe como presente no dia do seu casamento.

Era, para ela, a coisa mais preciosa de sua vida.

Com a volta dos adultos, foi constatado o dano e a avó não se conteve. Tomada pela raiva, falou:

– Eu não sei o que vou fazer com os filhos de peixe...

Desta vez foi na frente de suas noras, que, imediatamente, tomaram cada uma seu filho e caíram no rio. O jovem perdeu suas mulheres e suas crianças.

Na discussão com sua mãe, o jovem lembrou que após o casamento, não pode haver discriminação. O casamento é uma instituição dedicada à união entre as famílias; deve ser evitada a discriminação. Os segredos não devem ser ditos a ninguém.

Saber guardar um segredo é um talento, que não deve ser divulgado.

“Que as raízes que se encontram atrás de nossa casa se tornem anãs, mas que eu cresça.”

O animal familiar



Mao

Mao

Há muito tempo atrás, havia um homem na minha aldeia que gostava de andar na floresta.

Uma noite, voltando de sua caminhada, o homem encontrou um animal e imediatamente o agarrou. Pegou-o na mão e o levou para a aldeia, a fim de matá-lo e comê-lo.

Na aldeia, em casa, o homem queria matar o animal. Para fazer isso, pegou um pedaço de pau e começou a espancá-lo. Tanto espancou que o animal começou a regorgitar uma grande quantidade de massa.

O homem continuou a espancá-lo. O animal muito espancado, começou a regorgitar sopa. A massa e sopa estavam lá. Não restava mais nada à família para se comer, a não ser a massa e a sopa. O homem, sua esposa e seus filhos comeram até se saciarem.

Ocorreu a mesma coisa no dia seguinte, no outro dia e assim por diante.

Um dia, os pais estavam no campo. Seu filho ficou na aldeia, começou a brincar e a maltratar o animal que, devido aos maus tratos, caminhou para a floresta e fugiu.

A criança consciente do perigo, começou a segui-lo para apanhá-lo. Ela aumentou a velocidade e o animal fez o mesmo. Foi assim, por várias horas. Enquanto isso, o grande rio para onde o animal se dirigia, estava em cheia. Assim, a criança começou a cantar:

– Volte para casa, volte para casa, volte para casa, o rio está cheio.

Embora o rio esteja cheio, vou atravessar com uma vara.

O animal jogou-se na água, nadando. Atrás dele, o filho perseguindo-o, caiu na água e se afogou.

Assim, os pais da criança perderam o filho e o animal.

É por isso que as crianças não devem brincar com o tesouro de seus pais.

“Que as raízes que se encontram atrás de nossa casa se tornem anãs, mas que eu cresça.”



O noivo, o cão e o leão

Há muito tempo atrás, havia uma aldeia perto de uma grande floresta. Nesta região, vivia um jovem sem companheira.

Muitos anos se passaram, e o jovem queria se casar. Durante suas viagens, conheceu uma garota que ele amava. Eles se amavam. A promessa de casamento havia avançado. Chegou o dia de ir visitar a noiva. O homem não encontrou ninguém para acompanhá-lo. Caminhando na estrada, encontra um cão, ao qual se dirigiu. Mas o cão não se interessou. Ele recusou a acompanhá-lo porque, segundo ele, haveria uma caçada no dia seguinte e ele deveria se preparar. Ele pensou na caça que lhe tinha escapado na noite anterior e queria pegá-la a todo o custo!

O noivo implorou e o convenceu com a condição de compartilhar de forma equitativa, o que ele trouxesse de volta da família da noiva.

Assim, a viagem continuou.

Logo chegaram à casa da família da noiva. Primeiro deram-lhes água quente para se lavar, depois todos os tipos de alimentos. Em seguida, deram-lhes de beber. Eles se regalaram.

No momento de dar o dote, tudo ocorreu muito bem. Satisfeita, a família da noiva fez chover presentes. Presentes, e mais brindes invadiram as mesas e bandejas. Carnes defumadas, cozidas, cruas, caranguejo, e tudo mais.

Seus cestos ficaram cheios até o ponto de não ter como segurá-los e transportá-los.

No retorno, os dois amigos e a noiva estavam na estrada. Lembraram-se do que havia acontecido e pensaram em propostas para uma boa gestão da vida.

Chegou a bifurcação onde se conheceram. O cão e o noivo começaram a compartilhar de forma equitativa os presentes, conforme o acordo. Todos os bens foram partilhados.

Mas, antes de dizer adeus, o cão olhou furiosamente para seu amigo e, com uma voz ameaçadora, disse:

– Prometemos uma divisão equitativa, e depois?

– Sim, isso é o que fizemos, respondeu o noivo!

– Não! E esta? Mostrando a noiva!

Confrontando com a insistência, o homem não podia acreditar.

– Dissemos que iríamos compartilhar tudo, mas não minha noiva, argumentou.

Uma longa discussão seguiu-se, e um grande alarido ouviu-se. O cachorro começou a latir, ameaçando o homem e sua noiva.

– Se você não fizer isso, vou começar com você e comer tudo!

Enquanto conversavam, uma idéia veio para o homem e ele imediatamente falou:

– Meu amigo, agradeço-lhe tudo que você fez por mim. Eu aceito sua proposta, mas, deixe-me ir buscar as folhas de bananeira, em que vamos compartilhar a noiva!

O cão concordou e deixou o homem ir.

Ao longe, atormentado, não sabia o que fazer. Cortou folhas de bananeira. Sentou-se um momento para descansar.

Preocupado, de repente, foi surpreendido pelo leão.

Um segundo infortúnio, disse para si mesmo. Desta vez, este leão vai me matar.

Curiosamente, o leão disse-lhe amavelmente:

– Olá, filho do homem. Eu acho que não estou enganado. É você, filho do homem, não é? Agradeço a ele porque eu devorava as suas ovelhas, e ele nunca me preparou uma armadilha. Então, o que você está fazendo aqui, no meio da floresta?

O jovem disse-lhe tudo. O cão quer minha noiva em partilha, porque acompanhou-me na viagem até à casa dela. Então, vim para cortar folhas de bananeira para que possamos compartilhá-la.

– “Esse é o cachorrinho que intimida você também? Espera, quero mostrar-lhe”, disse o leão. Toma estas folhas, embala-me com elas. Quando estiver na frente do cão, você vai abrir o pacote, continuou ele.

O homem fez o que o leão lhe dissera. Quando o cão o viu, ameaçou-o de novo, de forma áspera.

– Por que você se arrastou por tanto tempo, ó filho do homem? Você acha que eu sou seu servo? Enquanto abria o pacote, o homem disse:

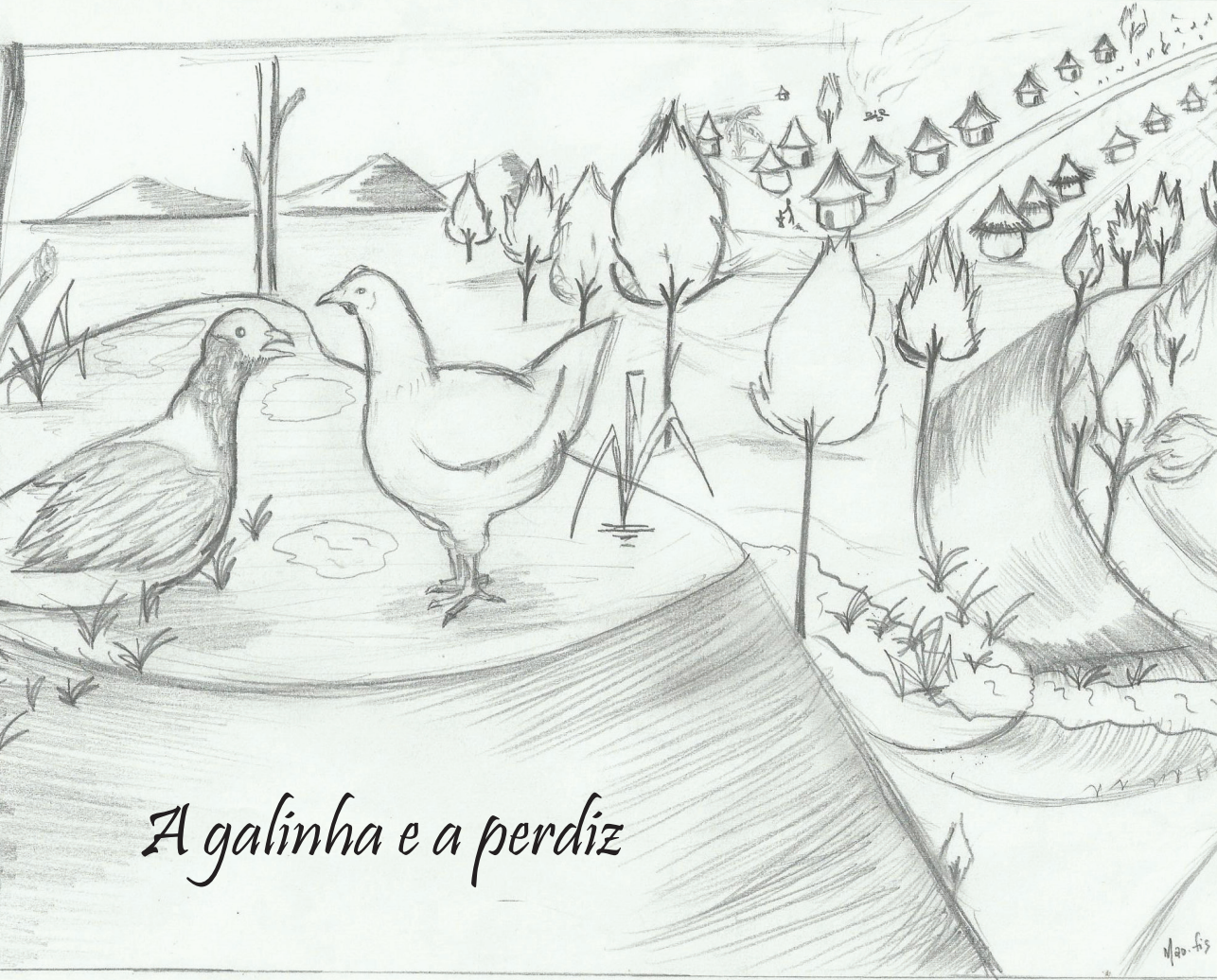
– Você sabe, meu querido amigo, eu não tinha nem um facão ou uma faca, tive que ir até à aldeia para buscá-la.

Antes de terminar seu discurso, seu amigo, o cão, viu a juba do leão. Aproximou-se dele, sentiu o seu cheiro e viu seus ouvidos. Sem uma palavra, virou-se, pegou a estrada para a floresta profunda, deixando tudo. Tudo o que foi compartilhado, inclusive a mulher!

O leão saiu do pacote, ordenou ao homem para sair com sua mulher e tudo o que tinha trazido da casa de seu sogro. Além disso, ajudou-o a carregar os presentes.

Assim, o homem foi libertado graças às boas ações de seu pai. É por isso que nossos antepassados dizem que uma boa ação não apodrece.

“Que as raízes que se encontram atrás de nossa casa se tornem anãs, mas que eu cresça.”



A galinha e a perdiz

Antigamente, há muito tempo atrás, na floresta, a galinha e a perdiz eram grandes amigas. Foi assim, cada uma com a sua família.

Um dia, chovia em todos os lugares, especialmente na floresta. As duas amigas estavam molhadas, até mesmo sob as asas! Estava muito frio a tal ponto que todo mundo tremia. As duas amigas decidiram procurar uma fogueira para se aquecerem.

A perdiz propôs à galinha a ir à aldeia em busca de fogo. Antes que a galinha tomasse o caminho da aldeia, a perdiz teve tempo para mostrar-lhe como são os humanos e a necessidade de ser humilde diante deles.

A Perdiz disse:

– Lá na aldeia, você vai encontrar seres humanos. Eles não são tão fáceis! Você tem que ser esperta. Cada um tem duas pernas, duas orelhas, dois braços, duas mãos, dois olhos. Se você se dirigir a eles gentilmente, eles vão ser educados com você e lhe darão o fogo que vai nos salvar.

A galinha tremendo, começou a viagem e entrou na aldeia. Os seres humanos vendo-a, receberam-na muito bem, honrosamente. Deram-lhe comida, colocaram-na perto do fogo, aquecendo-a, enquanto ela ainda não tinha dito o motivo de sua missão. A galinha comeu, bebeu e encontrou calor, perdendo de vista o que tinha ido buscar. Esqueceu-se da floresta e de sua amiga perdiz.

A perdiz não entendia. Então, pediu ao galo, o marido de sua amiga, para ir e ver o que havia acontecido com sua esposa.

Ela disse:

– Meu caro, estávamos todos aqui, a chuva molhou-nos muito! Minha amiga foi obter fogo na aldeia. Você sabe! Eu temo. Talvez algo de ruim aconteceu com ela ao longo do caminho. Vá e veja, também, se pode nos trazer o fogo.

O galo duvidava um pouco. Ele estava com medo, pensando que a galinha tinha sido comida por humanos. A perdiz não deixou de lhe recordar a importância do marido em casa. É ele quem tem de defender as mulheres e as crianças.

Além disso, para este efeito, é ele quem, na cama, dorme na frente, lembrou a perdiz.

Diante deste desafio, o galo concordou e tomou a estrada da aldeia. Na cidade dos seres humanos, o galo foi bem recebido pelos seus anfitriões, incluindo a galinha, sua esposa. Deram-lhe comida, bebida, e aquecimento! Mas, o galo esqueceu-se, também, de sua missão!

À noite, o galo e a galinha falaram muitas vezes da sua aventura. Surpreendidos pela bondade dos seres humanos, decidiram ficar com eles. Assim, eles ficaram ao lado dos humanos, deixando a perdiz sozinha na floresta.

Lá onde ela estava, continuou a sofrer com o frio. O frio causou a morte das perdizes e dos filhotes. No dia seguinte, de manhã cedo, ela chamou seu marido, seus irmãos, seus primos, toda a sua família. Uma grande reunião foi realizada, na praça, para tratar do caso. Dai veio a grande decisão:

– Agora, o clã “galinha” é nosso inimigo. Vamos atacar por todos os meios e exterminá-lo!

É por isso que a perdiz caça os pintinhos da galinha, para exterminar o seu clã.

Vocês sabem que não devem se divertir, onde se cometem erros!

“Que as raízes que se encontram atrás de nossa casa se tornem anãs, mas que eu cresça!”



Noiva a qualquer preço

Há muito tempo, muito antes que a árvore crescesse atrás da casa de meu avô, muito tempo antes do nascimento de todas estas aldeias daqui, longe, muito longe, viviam governantes e governados, maus e gentis, bruxas e pessoas boas.

Senhor Shebushu queria como mulher, uma jovem da aldeia próxima. O noivado levou muito, muito tempo. A moça, filha única, era considerada uma pérola! Para tê-la, ele teve de passar por muito sofrimento, muitos exercícios de acordo com os caprichos do sogro.

Ao noivo, o padraсто pediu-lhe para trazer a cauda da serpente. Isso foi feito.

O jovem recebeu parabéns por sua bravura. O sogro indicou-lhe que isso não era tudo.

Assim, em frente ao Conselho de Família, no meio da vila, na “Bushenge-Rushu” ou casa dos homens, o padraсто disse a seu futuro genro:

– O leão que rugia na noite passada pode nos destruir, destruir todo o vilarejo, antes que se faça seu casamento. E você perderá a mulher que está procurando!

Amanhã, não quero mais ouvir o seu rugido. Você vai me trazer antes de eu dormir, os caninos do animal que perturba meu sono.

O homem ficou meditando. Sua mente estava caçando antes mesmo dele entrar na floresta, na montanha do leão.

À noite, seu avô veio a ele em sonho, e lhe disse para ir perto do antigo bebedouro, local onde se pega água na mina. Lá, o jovem abriu o pacote de folhas de bananeira escondido atrás da pedra, e encontrou os caninos do dito leão, cujo cadáver não estava muito longe dali.

O homem foi entregá-los para o sogro que, aparentemente, não queria lhe dar sua filha.

Depois de felicitar o jovem por sua coragem, exigiu outra coisa.

– É meu filho, isso é bom. Você é corajoso. Mas, olhe a floresta em torno de nós Ela não permite que a mulher que você está procurando veja o outro lado da montanha. É necessário arrancá-la. Faça isso para que, antes de me deitar, e também sua esposa, possamos ver claramente o outro lado.

O jovem voltou para casa desanimado. Ao longo do caminho, passa através do tapete de folhas e, um pouco longe do domínio real, as folhas secas de bananeiras tomam a palavra:

– Durante anos, as gerações de seus avós nos entretiveram. Usavam-nos para embalar os tufos. Estamos orgulhosas! Além disso, seu avô acabou de nos contar tudo, vamos atendê-lo. Na data de hoje, antes do pôr-do-sol, toda a colina estará desfolhada.

Antes, o noivo viu-se sem a mulher, e estava chorando. Mas com essas palavras, secaram-se as lágrimas!

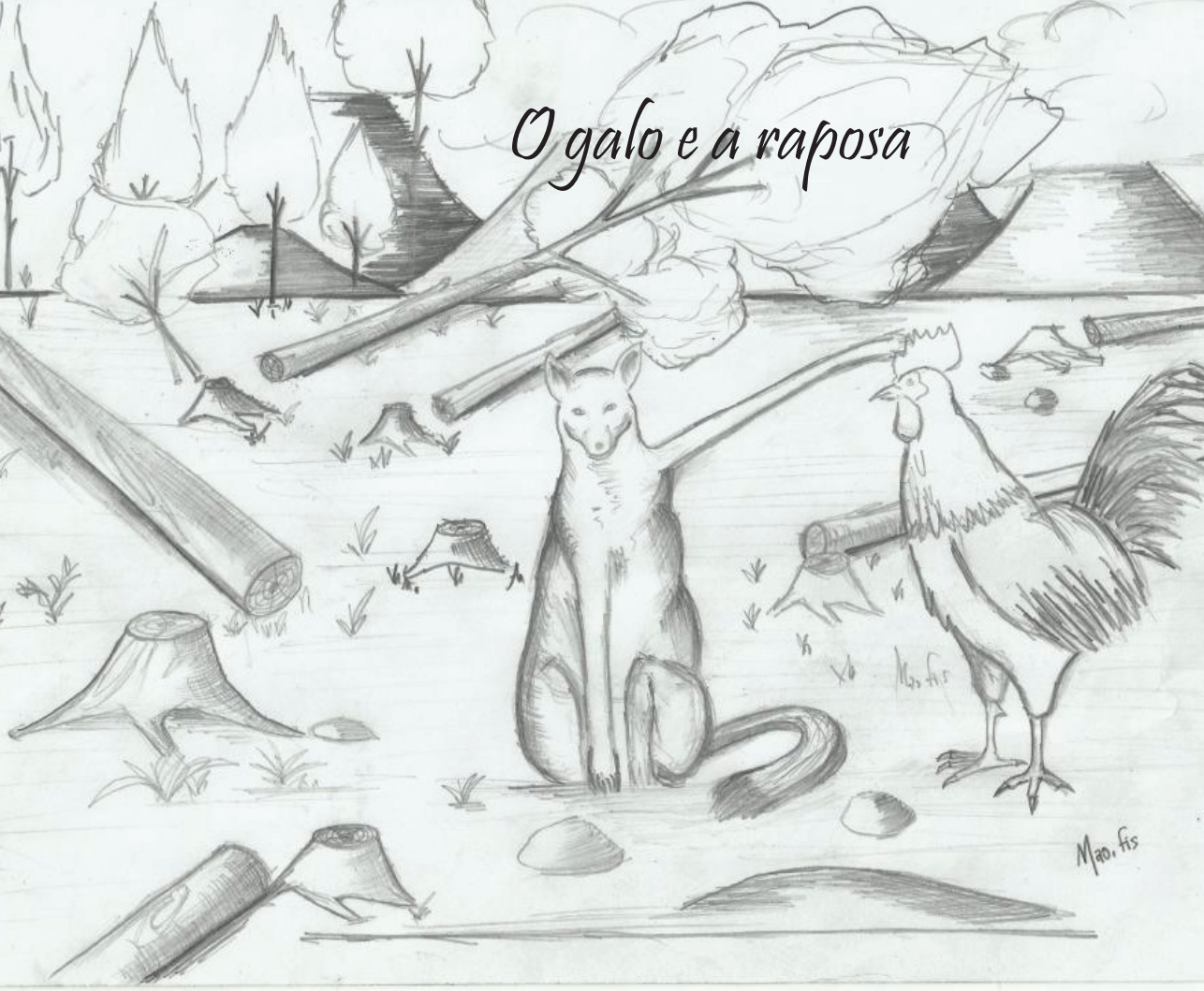
O sol continuou o seu caminho para o seu pico. O noivo estava ao lado da estrada. De repente, as folhas secas começaram a se esfregar umas contra as outras. Esfregaram-se e esfregaram-se novamente. Com o atrito, ocorreram calor e fumaça, em seguida, fogo. Toda a colina ficou nua como a cabeça do seu avô. Não existia nada além de cinzas.

Por sua parte, o jovem recuperou sua esposa. Eles tiveram filhos e um novo mundo.

Quando queremos, podemos, sobretudo com a ajuda de amigos.

“Que as raízes que se encontram atrás de nossa casa se tornem anãs, mas que eu cresça.”

O galo e a raposa



Há muito tempo atrás, antes da nossa geração, o galo e a raposa viviam uma amizade saudável. Não havia nenhum problema entre eles. Ajudavam uns aos outros e geriam em conjunto, os seus problemas. Não era surpreendente ver um ajudando o outro. Os campos de trabalho domésticos eram coletivos, envolvendo outros atores. Mas, todos sempre em harmonia. Seus filhos e suas famílias se conheciam e se harmonizavam.

O galo, com sua crista vermelha, caminhava pesadamente, com uma elegância sem nome. Todo mundo o admirava, e todos o temiam, até mesmo a raposa. Nós não podíamos compreender como um ser podia andar com o fogo aceso sobre a cabeça.

A raposa carnívora em seu estado natural, queria saber como poderia comer carne, especialmente a coxa de seu amigo, o galo. Ela não sabia como pegá-lo, temendo o fogo que estava em sua cabeça.

A raposa olhava para o amigo com olhos suaves, belos e amigáveis. Assim, inspirava confiança ao galo, uma confiança fundamentada. Ela visava a carne de seu amigo.

Um dia, no final de um grande trabalho de derrubada de árvore que os dois amigos tinham feito em conjunto nos domínios do galo, a raposa fez-lhe uma pergunta:

– Meu amigo, você é incrível. Por que você anda com fogo sobre a sua cabeça?

Inconscientemente, o galo sorrindo, respondeu:

– Não, minha amiga, isto não é fogo. Esta é a minha crista.

– Não é fogo? Interroga a raposa.

– Não! Responde o galo.

– Posso tocá-la, caro amigo? A raposa continuou, super motivada.

– Não tem problema, aprovou o galo.

A raposa abriu os olhos, viu e tocou a crista de seu amigo para garantir a veracidade das suas declarações.

Sendo convencida de que não havia fogo na cabeça do galo, a raposa começou a pensar nas estratégias que lhe permitiriam comer a carne de seu amigo.

Um dia, o galo estava muito cansado do trabalho pesado do dia e queria descansar sob a grande árvore, como de costume, perto do riacho onde havia água potável. Era ali que a raposa estava esperando para saltar sobre ele, estrangulando-o sem lhe dar tempo para gritar.

Inesperadamente, a esposa do galo tinha ido ao rio buscar água. Qual não foi sua surpresa ao encontrar a raposa devorando o seu marido. Ela não lançou o olhar duas vezes, fugiu cacarejando!

Chegando em casa, reuniu seus filhos e deu-lhes as notícias. Na mesma hora, decidiram viver longe da raposa, que passou a ser considerada como inimiga.

Encontraram refúgio junto aos seres humanos que os receberam muito bem.

É por isso que a família do galo não quer ouvir falar sobre a raposa, ou voltar para a floresta.

Antes de entregar seu segredo, você tem que pensar duas vezes.

“Que as raízes que se encontram atrás de nossa casa se tornem anãs, mas que eu cresça.”



O barba e o coração

Mao. 87

Há muito tempo atrás, muito antes do crescimento da árvore no fundo da vila, o Coração e o Barba era grandes amigos. Eles comiam e trabalhavam juntos. O campo de um era mantido por ambos, e vice-versa.

A casa do Barba era próxima à do Coração. É por isso que todas as noites antes de dormir, eles estavam sempre juntos. Reuniam-se todas as noites na casa dos homens, para avaliar o trabalho do dia. As crianças podiam ser repreendidas por um ou outro, sem problema. Eram da família.

No entanto, uma enxurrada de suspeitas rolou. As pessoas diziam que o Coração namorava com a esposa de seu amigo. O Barba, de qualquer forma, não podia acreditar, pois a confiança era muito grande. A notícia do namoro do Coração com a esposa de seu amigo era cada vez mais comentada. Os vizinhos embaraçados com a situação, tentaram até mesmo falar pessoalmente com o Barba que os considerou “fofoqueiros”. Sempre que eles comentavam, o Barba lhes dirigia um olhar de cão.

Os ouvidos de um homem ouvem uma só vez, diziam eles. Foi assim que, embora o Barba não “quisesse” ouvir, começou a prestar mais atenção, para checar a fundo, essa história!

A verdade é teimosa, ela se convida. Um dia, os dois amigos foram para o campo, como de costume. Chegando ao local de trabalho, o Coração pediu desculpas a seu amigo, acusando terríveis dores de cabeça. Iria retornar para a aldeia para descansar.

– Não tem problema, disse o Barba sob alerta.

O Coração tomou a estrada. Quando marcou um passo, o Barba marcou outro, atrás dele, espiando. Em vez de tomar o caminho de casa, o Coração dirigiu-se ao lugar onde as mulheres pegavam água para beber. Neste caminho, o Barba surpreendeu o amigo Coração ao lado de sua esposa. Barba desanimado, deixa-os entrar no esconderijo do encontro. Barba não podia acreditar em seus olhos.

No momento certo, Barba apareceu e saltou sobre seu amigo, que se preparava para a ação. Ele foi ferido por um facão, mas conseguiu escapar, fugindo a toda velocidade.

Os dois amigos estavam se perseguindo, perseguindo e perseguindo...

Chegando perto de onde se prepara a cerveja, cansado até à morte, o Coração encontrou um homem bêbado, cuja boca estava entreaberta, por onde se introduziu. O homem, surpreendido, fechou a boca de repente. Enquanto Barba estava prestes a pegar o adúltero, o homem fechou a boca. Barba não poderia, portanto, entrar. Assim, ela se coloca na entrada, no queixo, acima do lábio superior e por baixo do lábio inferior. Até esta data, a barba diz esperar que o coração saia para corrigi-lo.

É por isso que os homens têm barba em torno da boca. Ela indica que você não deve “namorar” a esposa ou marido do próximo.

“Que as raízes que se encontram atrás de nossa casa se tornem anãs, mas que eu cresça.”



O homem, sua mulher e o monstro

Maofis

Há muito tempo atrás, havia um homem que mantinha amizade com um monstro.

Estes dois amigos tinham como tarefa, caçar animais silvestres. Nessa atividade, eles tinham concordado que os animais machos seriam dos homens e as fêmeas seriam do monstro. Este acordo foi escrupulosamente aplicado.

Durante vários dias, somente os machos foram pegos. O homem tornou-se o mais famoso da aldeia até o ponto de que sua esposa, curiosa e ciumenta, dissesse para si mesma:

– Eu não sei aonde vai meu marido todos os dias e, como ele me traz toda a caça, farei de tudo para saber aonde ele vai; talvez ele tenha outra mulher! E como ele não me dá toda a caça, sei o quanto ele dá a outra mulher!

Um dia, o homem estava caçando, sua esposa o seguia espionando-o. O homem dava um passo, sua esposa outro. Ela o seguia de perto.

Como ela não conhecia a floresta, infelizmente, caiu em um buraco de armadilha preparada por seu marido e seu amigo, o monstro. O homem caminhou sem saber o que estava acontecendo atrás dele.

Em seu retorno, como conhecia toda a floresta, tomou outro atalho mais curto para a aldeia.

Chegando ao vilarejo, ele não encontrou sua esposa. Procurou-a em todos os lugares, em vão. Convenceu-se de que, talvez, ela tivesse ido para a aldeia de seus pais localizada a algumas montanhas de distância.

Antes do amanhecer, ele já estava a caminho para a aldeia de seu sogro. Algumas montanhas à frente, encontrou seu amigo, o monstro, ansioso para dizer-lhe que desta vez ele também iria para casa com uma caça que havia encontrado em uma das armadilhas. Convidou seu amigo para acompanhá-lo e ajudar a remover o entulho do buraco.

O homem pediu-lhe para esperar por ele, pois, iria primeiro verificar se sua esposa estava na casa de seus pais. O monstro não concordou e uma longa discussão começou. O monstro ameaçou e o homem concordou.

Assim, o monstro, muito feliz, assumiu a liderança e os amigos estavam prestes a encontrar-se na borda do buraco onde ocorreu o episódio. O homem ficou surpreso ao descobrir que o prêmio em questão, era ninguém menos que sua esposa.

Ele disse a seu amigo:

– Não, meu amigo, esta é a minha esposa. Ela não deve ser confundida com os animais que capturamos.

Ele tentou, em vão, explicar ao seu amigo que o prêmio em questão não era uma caça.

Depois de uma longa discussão, os dois amigos estavam prestes a iniciar uma briga.

Assim, o homem teve uma idéia:

– Meu amigo, os acordos devem ser respeitados. Eu concordo. Hoje é sua vez. Mas noto que não há nenhuma escada aqui. Deixe-me ir até à aldeia para trazê-la; assim, você vai tirar sua caça do buraco com facilidade.

Ao ouvir estas palavras, o monstro ficou muito contente e permitiu ao homem ir o mais rápido possível, e voltar.

O homem correu a toda velocidade e, de repente, estava na aldeia. Reuniu todos os homens, contou-lhes sobre o assunto. Após uma reunião na casa dos homens, os aldeões decidiram ir enfrentar o monstro.

Logo chegaram ao local. Lá, encontraram o monstro, seus irmãos e irmãs que dançavam em torno do buraco, onde a mulher estava. De fato, após a saída do homem, o monstro teve tempo para chamar seus irmãos e irmãs para ajudá-lo a transportar sua caça.

Quando os homens chegaram ao lugar, não havia escada! Em seguida, uma discussão acalorada seguiu entre os dois grupos, de um lado, os monstros, do outro, os homens. Várias horas se passaram assim. Enquanto isso, um irmão do monstro, o mais vigoroso, vendo que a discussão se alongava, disse que iria sozinho retirar a caça do buraco. Então, ao repetir isso de novo, já estava dentro do buraco.

Perante a esta situação, os homens ergueram a voz:

– Você, monstro, quer tomar nossa mulher como prêmio. Vá em frente! E nós vamos levar o seu irmão.

Neste contexto, a discussão terminou porque nem um, nem o outro concordou em considerar um deles como prêmio de caça. O homem recuperou a esposa e o monstro o seu irmão. A discussão terminou.

Portanto, devemos escolher bem os amigos e que a curiosidade tenha limites. Os casados devem demonstrar confiança entre eles.

“Que as raízes que se encontram atrás de nossa casa se tornem anãs, mas que eu cresça.”



O lavrador, a serpente e a cegonha

Há muito tempo atrás, existiu um lavrador cujo hábito era ir todos os dias para o campo.

Um dia, infeliz como no nascimento de um bebê natimorto, enquanto o camponês estava cuidando de seu trabalho de campo, surgiu uma cobra, suando até a última de suas escamas. Esta serpente cansada, pediu ao homem para escondê-la. Ela prometeu dar-lhe ovos e muitas coisas boas. O homem lembrando-se dos erros do clã cobra em relação à família humana, resistiu um pouco. Mas a compaixão falou mais alto. Ele olhou para a esquerda, para a direita, em todos os lugares; não encontrou um esconderijo sequer. Assim, a serpente lhe propôs abrir a boca para que ela entrasse e se escondesse.

O homem todo generoso, fez como a fugitiva sugeriu. Ela entrou pela boca, deslizou, desaparecendo. Enquanto o ferrão caudal da famosa cobra sumia, seus perseguidores já estavam na frente do homem. Eles logo lhe perguntaram:

– Camarada, você não viu uma cobra passando por aqui?

Na verdade, eles suspeitavam que ele tivesse escondido o dito réptil e tentaram em vão explicar para o nosso bom lavrador todas as mafeitorias deste animal.

O agricultor permaneceu irredutível, firmado em suas declarações. Além disso, ficou irritado e começou a insultar:

– Vocês, espécie de homens ímpios, acreditam que eu possa ser tão estúpido, escondendo um inimigo? Vocês devem aprender a me respeitar!

Sob essas condições, a fim de evitar qualquer escalada da situação, os homens que perseguiram a cobra retiraram-se em silêncio, convencidos de que o homem tinha na verdade, escondido a cobra. Ao sair, o mais sábio deles disse-lhe:

– Aquele que ignora os inimigos de seus pais e mantém amizade com eles, pode eventualmente, ser destruído.

Após a saída desses homens, o camponês olhou para a esquerda, direita, colocou seu ouvido no chão para se certificar de que não havia nada, nenhum ruído, nenhum perigo para a cobra. Pediu-a para sair:

– Eles não estão mais aqui, você pode sair agora, minha amiga, disse o camponês.

Eles partiram, assegurou à serpente.

– Bem, isso é bom! Mas homem, desde quando eu sou sua amiga? Você mesmo reconheceu perante seus irmãos! Eu não saio mais daqui, deste belo refúgio! Agora, vai me levar, me alimentar e quando eu quiser, vou acabar com sua vida!

O homem chorou em todas as línguas que conhecia, especialmente aquela de sua mãe. Em vão. Ele tomou o caminho da aldeia. Após a sua chegada, contou a história toda para sua esposa que ficou extremamente preocupada. Ela alertou toda a aldeia. Todo mundo veio para ver o que tinha acontecido. Alguns dos moradores tiveram pena do homem, enquanto outros riram de sua estupidez.

Enquanto as pessoas se queixavam deste acontecido, a cegonha acompanhava tudo.

Lembrando-se das boas ações dos antepassados dos homens, entrou na casa do nosso camponês e disse:

– Eu quero confirmar, aqui, o bom relacionamento que sempre mantive com a sua raça.

– Abra a boca.

O homem fez como exigiu o pássaro que introduziu seu bico na boca do infeliz. E, gradualmente, começou a puxar a cobra pelo rabo. Quando puxou-a para fora completamente, os homens abateram-na com pauladas.

Veja como o nosso agricultor foi salvo. Os homens disseram obrigado para o pássaro e prometeram continuar sempre amigos dele. Maldito todo aquele que matar um de sua família.

É por isso que esta ave não deixa o homem.

Em todos os momentos, devemos reconhecer os amigos e os inimigos da família.

“Que as raízes que se encontram atrás de nossa casa se tornem anãs, mas que eu cresça.”

O ladrão e o feiticeiro

O ladrão e o feiticeiro

O ladrão e o feiticeiro

O ladrão e o feiticeiro

O ladrão e o

O ladrão e o feiticeiro

Em uma aldeia, há muito tempo atrás, dois homens perigosos conviviam como um grande ladrão e um temível feiticeiro. Cada um deles realizava sua tarefa sem qualquer apreensão.

Dada a multiplicidade de seus erros na região, o chefe da aldeia convocou uma reunião, na qual formou uma equipe especial para capturar os criminosos que, curiosamente, também tinham assistido à reunião.

Dada a ameaça a estes criminosos, independentemente um do outro, decidiram fugir da aldeia para ir viver nas profundezas da floresta.

No dia seguinte, o feiticeiro tomou a estrada para a floresta. De manhã, fez aterro onde iria construir sua cabana.

Depois de voltar para casa, o ladrão que estava na floresta, escolhendo onde construiria sua cabana, viu o local previamente aterrado pelo feiticeiro. Pensou consigo mesmo:

– Estou com sorte. Meus antepassados me ajudaram, querendo levar-me para fora da cidade. Arranjaram-me um lugar longe de todos.

Sem pensar muito, porque sabia que ninguém poderia chegar ao lugar que era muito distante de todos, preparou os materiais de construção: (tiras de madeira, cipós e outros) e disse que voltaria no dia seguinte para continuar o trabalho. Voltou para a aldeia, de forma bem sínica, para que ninguém suspeitasse de qualquer coisa.

O dia seguinte amanheceu. O feiticeiro entrou na floresta para a continuação dos trabalhos. Chegando ao local, descobriu que todos os materiais de construção já haviam sido reunidos. Ele disse para si mesmo:

– Meus ancestrais agiram hoje. Enquanto queriam perseguir-me na aldeia, vieram aqui, longe, para reunir tudo o que minha cabana precisava para ficar pronta.

Assim dizendo, começou a trabalhar e fez a cabana.

Cansado, voltou para a aldeia.

Momentos depois de sua partida, o ladrão chegou. Notando a mudança, elogiou a seus antepassados por terem mais uma vez, agido em seu favor.

Ele disse para si mesmo:

– Oh! É lindo! Meus antepassados agiram novamente. Realmente, eles não fecharam os olhos!

O Ladrão estava convencido...

Começou a fazer pequenos ajustes. Permaneceu pouco tempo e disse para si mesmo:

– Bom! Amanhã à noite eu vou entrar na minha cabana.

Na manhã seguinte, o feiticeiro estava no local. Encontrou a cabana toda pronta, disse obrigado a seus antepassados, e falou para si mesmo:

– Amanhã à noite, eu vou entrar na minha cabana. Vou sair sorrateiramente da aldeia de modo que não saibam para onde eu fui.

O sol se abriu e se escondeu. À noite, o ladrão entrou na floresta, sentou-se na cabana. Para proteger-se contra qualquer eventualidade, teve tempo de fincar duas lanças na entrada da cabana.

Enquanto dormia, o feiticeiro chegou. Em sua profissão, havia enfeitiçado um aldeão. Antes de chegar em sua cabana, se propôs a trazer com ele o corpo de sua vítima que tinha enterrado.

Chegando à sua cabana, cansado, jogou o cadáver na cama. O ladrão, de repente, levantou-se. Desde que descobriu que era um cadáver, saiu correndo para fora. No desespero, foi ferido por uma das lanças que ele mesmo havia colocado na entrada da cabana e morreu. Ao mesmo tempo, o feiticeiro que estava agarrado na outra lança, foi seriamente ferido e morreu. Na verdade, quando ele jogou o cadáver na cama, viu alguém levantar-se e sair de repente. Pensou que era o cadáver que o perseguiu. Ele fugiu e feriu-se na lança.

Vejam como os criminosos chegaram ao seu final, muito longe na floresta.
Por isso, evite o mal cujas consequências são incalculáveis.

“Que as raízes que se encontram atrás de nossa casa se tornem anãs, mas que eu cresça.”

O camaleão

camaleão e o rato

O camaleão e o rato

camaleão e o rato

O camaleão e o rato

o e o rato

O camaleão e o rato

O camaleão e o r

Há muito tempo, existiram dois amigos: o camaleão e o rato. Um dia, eles quiseram ir ao mercado, que, naquela época, era longe de suas casas.

Eles confidenciaram seus segredos no dia em que se encontraram no topo da colina, não muito longe de sua aldeia.

Compartilhar a estrada com você não será mal, disse o camaleão ao rato.

– Compartilhar a estrada, o rato respondeu. Você não quer que eu aceite a sua velocidade. Você anda muito devagar! Eu estarei chegando ao mercado, e você, preguiçoso, mal saiu da aldeia. Todas as minhas compras serão terminadas antes que seus olhos vejam o mercado!

– Isso é o que você pensa, respondeu o camaleão. Você se engana. Eu sou o mais rápido de todos.

– Ah! Ah! Que piada! Meu pai me disse que, às vezes, a mentira mata. Alguém já viu o camaleão correr tão rápido quanto a um rato? Na floresta não existe segredo!

– Tenho a certeza de que vencerei. Minha mãe ensinou-me a não mentir!

Quando eu digo, eu digo, e pronto!

E os nossos dois amigos decidiram competir. Então chegou o dia do mercado.

O camaleão e o rato deixaram a aldeia juntos. Antes mesmo do raiar do dia, o rato se lançou a toda velocidade. Ele trotou e trotou. Seus pés mal tocavam o chão enquanto corria tão rápido. Para esse esforço, reuniu toda a sua força, e rapidamente, desapareceu na escuridão. O mercado local era muito longe.

O camaleão continuou sua marcha sem qualquer desânimo. Andou, andou regularmente, em seu passo habitual.

E assim eles continuaram.

O rato, quando amanheceu, chegou ao topo de uma pequena colina. Ele estava sem fôlego. Os olhos queriam saltar de sua cabeça, a língua estava pendurada na sua boca.

Mas sua alegria estava no auge, e quando olhou para trás, não viu o camaleão.

– É óbvio que eu ganhei, disse ele. E todo feliz, o nosso rato se permitiu um pouco de descanso, porque estava realmente muito cansado.

Mas, de repente, percebeu que as horas avançaram.

– Que eu vou chegar antes do camaleão, é coisa certa, mas eu quero melhor. Quero terminar todas as minhas compras antes que ele chegue, porque eu disse que poderia fazê-lo. Então poderei rir dele.

Imediatamente, com a cabeça baixa, voltou a correr com toda velocidade. Logo se aproximou da aldeia, onde o mercado seria realizado.

– Tudo bem, pensou indo mais rápido.

Ele correu, correu e correu. Passou pelas cabanas como uma flecha, saltou sobre os caminhos. E só iria parar na localização do mercado. Como não viu ninguém, nenhuma reunião de comerciantes ou compradores, o rato continuou.

Em seu descuido, esqueceu-se de que, àquela hora, o mercado ainda não estava aberto. Os homens ainda estavam dormindo ou tinham acabado de acordar.

O rato seguiu os caminhos que o levariam ao mercado, cruzou-os sem pensar em levantar a cabeça para olhar. Continuou, passou a aldeia e foi para o mato para além da última casa.

O rato corria agora, mais rapidamente. Mas estava correndo em círculos. Sem saber, tinha perdido o seu caminho.

Enquanto isso, o camaleão se aproximava da aldeia sempre como os mesmos passos regulares. Ele chegou ao meio do mercado e olhou em volta. Mas em nenhum lugar, viu o amigo rato.

Com cortesia, esperou um pouco. Então, para evitar perder as boas oportunidades disponíveis, comprou tudo o que precisava.

Compras concluídas, o camaleão sentou-se calmamente em um canto do mercado e decidiu esperar pelo rato.

O rato ainda corria pelos campos. Meio-dia é passado, a noite já se aproximava. Exausto, finalmente, caiu ao chão.

Então vê, acima da grama alta, a fumaça vindo das cabanas.

– Bem, pensou, a aldeia está lá!

Esperou alguns momentos para recuperar alguma força e atingiu a aldeia vizinha.

Ao anoitecer, chegou ao mercado. Seu amigo, o camaleão, ainda estava esperando.

– Ah! Ele diz; você está aí, finalmente!

– Sim, diz o rato. Esta manhã, eu não vi o mercado. É uma pena!

O camaleão em seguida mostrou-lhe tudo o que havia comprado e o nosso amigo rato teve que admitir a derrota.

Quem é muito seguro de si mesmo e age sem pensar, corre para o fracasso.

“Que as raízes que se encontram atrás de nossa casa se tornem anãs, mas que eu cresça.”

O leopardo e o cachorro

O leopardo e o

leopardo e o cachorro

O leopardo e o cachorro

O leopardo e o

O leopardo e o cachorro

leopardo e o cachorro

Outrorra, o leopardo e o cão estavam quase sempre juntos. Juntos, fizeram os seus campos. Caçavam, andavam e se divertiam muito.

Quem poderia prever que esta bela amizade não duraria? Que discussão poderia haver entre os nossos dois bons amigos?

No entanto, o infortúnio aconteceu. Sobre a seiva da palmeira!

Um dia, os dois amigos decidem ir procurar a seiva da palmeira. Cabaças na mão, penetram na floresta.

De repente, o leopardo interpela seu companheiro:

– Hei meu amigo, olhe para aquelas belas árvores!

– Sim, eu vejo. O que é isso?

– Vamos lá, você não sabe? Estas são excelentes árvores. De todas as árvores da floresta, elas são as únicas que dão a seiva mais deliciosa!

– Olha, eu não sabia, respondeu ingenuamente o pobre cão.

– Bem, continua o malandro, ouça o conselho do seu amigo. Fixe suas cabaças nestas árvores.

Depois você me contará as novidades...

O cão, em seguida, amarrou suas cabaças no tronco de algumas árvores.

Enquanto isso, o leopardo correu ainda mais, e teve o cuidado de escolher boas palmas, onde colocar suas cabaças.

Vocês podem imaginar bem o que aconteceu.

Todos os dias, o leopardo voltava para a aldeia, com as suas cabaças bem cheias, enquanto o cão aguardava a seiva das árvores, nas quais havia pendurado suas cabaças.

– O que acontece? Perguntou o infeliz. Não consigo coletar uma gota de seiva, enquanto o torturador do leopardo festejava a cada dia, com pelo menos duas cabaças.

O desejo veio ao coração de nosso amigo, o cão.

Os delitos e crimes nunca se aquecem ao sol. Ao contrário, escorregam-se nas trevas.

Assim, naquela noite, em segredo, o cão entra na floresta. Vai até às palmas onde estavam as cabaças do leopardo e as esvaziou, passando o conteúdo para suas cabaças.

Então, calmamente, vai para casa e volta a dormir.

No primeiro canto do galo, o cão esfrega o corpo com cinzas, respira de forma bem aflita, como se tivesse estado muito doente durante toda a noite.

Ao amanhecer, como de costume, o leopardo vai até à casa de seu companheiro.

– Bem, meu amigo, vamos partir.

– Oh! Não. Hoje não, respondeu o cão, gemendo tristemente. Eu passei a noite muito mal!

– Vamos, vamos, vamos devagar. Eu te darei a minha seiva.

Depois de muita insistência, o cão se levanta, e fingindo mancar, arrastando-se para a floresta, seguiu o leopardo.

Mas, quando lançou um olhar em suas cabaças, as enfermidades desapareceram como que por magia.

– Ah, veja, meu querido leopardo, olhe toda a seiva que eu encontrei hoje; não foi assim nos outros dias.

O leopardo, que não encontrou nada, permaneceu perplexo e perguntou de onde poderia ter vindo aquela seiva!

– Nunca alguém viu esta árvore produzir nada!

Olhando com atenção, notou ao redor de suas árvores, pegadas que não conseguiu reconhecer imediatamente.

No caminho de volta, no entanto, andando atrás de seu amigo, o cão, pensou:

– As pegadas que eu vi lá perto de minhas árvores, são iguais às que vejo agora...

Portanto, foi o meu amigo que me roubou.

Três vezes o cão repetiu a mesma manobra: de noite na floresta, de manhã na cama.

Mas na quarta noite, o leopardo se antecipou; mal a aldeia adormeceu, saiu e entrou na floresta. Ficou bem escondido em uma moita de arbustos, esperando o ladrão.

Algum tempo depois, o cão veio como de costume, sem suspeitar o perigo que, desta vez, estava incorrendo.

Pegou as cabaças do leopardo, passou o conteúdo para as suas. Depois, colocou tudo em ordem nas palmeiras.

O leopardo rangendo os dentes observou o ladrão, e quando o cão tomou o caminho de volta, saltou rugindo, ferozmente.

Em um salto desesperado, o cão escapou do golpe e fugiu para o mato. O leopardo o perseguiu sem ser capaz de alcançá-lo.

A partir daquele dia, de amigos que eram tornaram-se grandes inimigos, sempre brigando. Suas disputas foram a causa de grandes desgraças.

Amizade não é definida por armadilhas.

“Que as raízes que se encontram atrás de nossa casa se tornem anãs, mas que eu cresça.”

